



LOPES, Reinaldo José. 1499. O Brasil antes de Cabral. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017, 246p.

Eloína Prati dos Santos¹

Submetido e aprovado em 6 de julho de 2018.

Reinaldo José Lopes é repórter e blogueiro da editoria de Ciência da Folha de São Paulo, especialista em coberturas de tópicos que investigam a arqueologia, a paleontologia e a biologia evolutiva, ou seja, nosso passado remoto.

Ele nos considera privilegiados por vivermos nesta década de 2010, uma vez que “as últimas décadas foram marcadas por uma explosão de pesquisas – em áreas tão diferentes quanto a arqueologia, a genômica e a botânica – que estão ajudando a retratar uma pré-história brasileira infinitamente mais vibrante e complexa do que tivemos que engolir na escola” (p.12). E que continuamos a engolir, principalmente nas escolas públicas.

Ele divide este livro sobre a pré-história do Brasil, em capítulos que cobrem, retroativamente, de 13.501 A.C. até o início da colonização, olhados a partir de vestígios encontrados no século XX e aprofundados nestas primeiras décadas do século XXI, com o objetivo de promover a tão necessária revisão do passado de nosso país e de seus habitantes, tornada possível por pesquisas científicas contemporâneas que permitem que ele seja literalmente “desenterrado” e de melhor explicar a ascensão e queda de seus primeiros habitantes. Como Lopes diz na Introdução, “Este livro é uma modesta tentativa de tirar da sua cabeça a imagem, a um só tempo clássica e profundamente equivocada, do Brasil pré-Cabral como um paraíso

terrestre tropical [...]” (p. 12). O livro comenta a “explosão de pesquisas – em áreas tão diferentes quanto arqueologia, genômica e botânica – que estão ajudando a retratar uma pré-história brasileira infinitamente mais vibrante e complexa do que o estereótipo de imobilidade do nativo que tivemos que engolir na escola” (p.12).

O capítulo 1, de 13.501 A.C. a 1499, aponta a data de 15 mil anos como o marco da chegada dos primeiros *homo sapiens* ao continente mais tarde chamado de Américas e descreve a biodiversidade do continente através de achados como o da preguiça gigante da gruta de Cuvieri em julho de 2002, a uns 50 km de Belo Horizonte. Onças também já existiam por aqui, bem como ursos-de-cara-curta, cerca de dez vezes maiores e mais pesados do que seus descendentes que ainda habitam o continente americano e das várias espécies por eles consumidas. A diversidade de mamíferos de grande porte que só existiam aqui - relata Lopes - superava até a da África e o capítulo fornece explicações detalhadas sobre formações geológicas que teriam favorecido este cenário e como, juntamente com alguns deles, foram encontrados fósseis de seres humanos, como a conhecida face

de Luzia, reconstruída pelo antropólogo forense britânico Richard Neave em 1999. Segue a discussão de suas características morfológicas próximas às da raça negra e as dos habitantes encontrados no continente pelos europeus, mais asiáticas, um impasse que a genômica talvez consiga desfazer.

A partir da página 37, aparecerem textos emoldurados, com aparência de papel antigo - as Explicações Técnicas - preciosas para leigos ao explicar métodos de datação do carbono, DNA mitocondrial, níveis de complexidade social, diversidade linguística e eventos pré-históricos.

O capítulo 2, de 8.501 A. C. a 1499, é sobre sambaquis, catadores de conchas, zoólitos e o achado de Luzio, dois milênios mais jovem e com morfologia paleoamericana (ameríndia), no vale rio Ribeira do Iguape, em um sítio arqueológico com trinta sambaquis fluviais, em época anterior à domesticação de vegetais que pode ter alterado as relações entre grupos populacionais pré-históricos.

O capítulo 3, 6.501 A.C. a 1499, adentra a Amazônia, perto de Porto Velho, onde o autor é surpreendido pelos urucurizais, densos círculos homogêneos de palmeiras urucuris, de frutos comestíveis, o que levanta a hipótese de que partes extensas da mata

sejam atropogênicas, ou que a domesticação de vegetais tenha sido nossa primeira revolução agrícola, feita com frutos nativos, ao contrário das fazendas de café e de cana de açúcar, importadas da África e da Ásia, e fenômeno semelhante ao dos castanhais (castanhas-do-pará) na região Norte do país. Aproximadamente 83 espécies nativas apresentam populações cultivadas.

O capítulo 4, 2.001 A.C. a 1499, estuda situações mais peculiares, como a dos antigos marajoaras, entre o rio e o Atlântico, que deixaram mais pistas de sua cultura, seu imaginário e seus rituais. Uma de suas práticas foi o uso de “currais” para impedir que os peixes coletados voltassem ao rio e um gerenciamento hídrico que lhes permitiram sobreviver talvez por milênios, conforme indicam resquícios de cerimônias fúnebres elaboradas e também a sobrevivência da arte marajoara.

O capítulo 5, 2001 A.C. a 1499, não repete o anterior, mas investiga modelos de crescimento populacional amazônicos e suas dinâmicas estruturais e temporais, através dos vestígios encontrados quando os europeus aqui chegaram nos séculos XVI e XVII. Seus relatos revelam que havia desenvolvimento demográfico, econômico e político bem mais significativo, que seria mais próximo ao de

hoje na região do que há cinco séculos, com regiões densamente povoadas e ricas, aldeias grandes como cidades e cerâmica de mais qualidade que a de Málaga (segundo o frade dominicano Gaspar de Carvajal, LOPES, p. 128-129), ainda que as referências do frade sobre as amazonas guerreiras, nunca tenham sido comprovadas.

Este trecho ainda viaja até Santarém, onde o rio Tapajós deságua no Amazonas, e onde há indícios de presença humana na Amazônia de cerca de 10 mil anos; vai até os círculos de pedra do Amapá, ou estruturas megalíticas e um impressionante conjunto de urnas funerárias pré-colombianas e ao Alto Xingu que hoje abriga uma dezena de etnias diferentes, com idiomas diferentes, mas uma cultura compartilhada e quase homogênea.

O autor ainda prossegue até o Acre e seus quase geoglifos – quadrados, círculos e losangos - supostamente escondidos em uma floresta pré-desmatamento e apontando para o aniquilamento de grupos populacionais nativos bem maiores.

O capítulo 6, o último antes do Epílogo, 100 D.C a 1499 é intitulado Tupi or Not Tupi, lembrado a revolução cultural promovida pelo Movimento Antropofágico de 1922 e aponta para a análise linguística a seguir e a memória dos Tupinambás,

extintos no início da colonização e que ainda povoam nossa memória colonial dos povos indígenas como canibais. A Explicação técnica linguística aqui é extensa e muito rica, assim como a discussão sobre “as grandes expansões linguísticas do passado (pré-)brasileiro” (p.174), onde talvez 1.500 línguas chegaram a ser faladas, das quais 350 idiomas continuam a ser falados na modernidade. O aruak e o tupi foram os mais abrangentes do ponto de vista geográfico e ainda são os mais estudados. Nos dias de hoje estima-se a existência de 10 subfamílias do tupi-guarani, no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia e Peru, e do Rio Grande do Sul ao Maranhão no Brasil.

O Epílogo discute hipóteses científicas sobre “porque o Brasil pré-histórico foi derrotado” (p. 198). Lopes usa imagens de “distopias pós-apocalípticas” recorrentes na cultura atual em filmes videogames, séries de televisão e best-sellers, *Jogos Vorazes*, *Walking Dead*, *Divergente*... como metáfora capaz de nos fazer entender “o fim da pré-história dos povos das Américas e do Brasil” (p. 200), uma vez que é difícil aceitar que “as sociedades ameríndias pouco populosas e simples do presente” representem o que havia no continente antes de 1500 e por isto este capítulo é dedicado a explicar o que

aconteceu a cada povo indígena depois do que ele denomina de “distopia pós-contato” para homens, animais e plantas e a encerrar o livro deixando a impressão de que o “passado profundo” do Brasil é tão rico e complexo quanto o do Velho Mundo (p. 232).

Segue uma longa lista de boas referências Para saber mais, com autores de várias nacionalidades e das várias áreas de conhecimento invocadas na publicação, mais um alista de artigos em periódicos científicos internacionais.

Uma única característica da publicação me distraiu da grande riqueza de informações e detalhes relevantes: a escolha do tom do discurso, facilitado para atingir um grande público leigo, em especial adolescentes ou jovens universitários, mas que abusa dos clichês, como o próprio autor por vezes reconhece.

Mas que mais publicações como esta venham auxiliar na muito atrasada descolonização do país e seus ultrapassados estereótipos sobre os povos indígenas e como eles vivem no século XXI.

Uma única característica da publicação me distraiu da grande riqueza de informações e detalhes relevantes, o discurso, facilitado para atingir um grande público leigo, em especial adolescentes ou

jovens universitários, que abusa dos clichês, como o próprio autor por vezes reconhece.

Que mais publicações como esta venham auxiliar na muito atrasada descolonização do país e seus ultrapassados estereótipos sobre os povos indígenas e como eles vivem no século XXI e que venhamos a conhecer pesquisas feitas aqui, mais divulgadas e valorizadas no exterior, como a doação de sangue de membros de uma tribo do Xingu, do povo Kuikuro, que possibilitaram identificar e divulgar obras de seus antepassados em revistas de prestígio, como a *Science* (2003 e 2008), como redes de estradas e de uma confederação de 50 mil habitantes em um território sobre o qual a maioria dos brasileiros pouco sabe até hoje.

Notas

¹ Professora aposentada da UFRGS, Porto Alegre, RS. Editora Assistente da Revista Interfaces eloinapрати@gmail.com